



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### FILOSOFIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: POR UMA FILOSOFIA TRANSGRESSORA

Fabrizio Santana Lacerda\*\*\*\*\*  
(UESB)

Priscila Sousa Lopes+++++  
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida+++++  
(UESB)

#### RESUMO

A relação entre educação e filosofia remonta à própria origem da Filosofia. Educar era desde Aristóteles formar o homem com caráter para que ele pudesse participar ativamente dos destinos da cidade. Seneca, Cícero, Marco Aurélio, Platão e Aristóteles estão entre os pensadores gregos e latinos que estabeleciam uma intrínseca relação entre educação, filosofia e ética. Na contemporaneidade Levinas, Hans Jonas, Fornet-Betancourt, Paulo Freire, estão entre os que assumem claramente a interdependência entre ética e educação. Considerando e assumindo a tese de que nada do que é humano nasce por natureza, mas que se constrói mediante a prática e o exercício para a virtude, entendemos que os atuais modelos educacionais estão comprometidos com os meios de produção que tem como finalidade função instrumentalizadora e mecanicista. Quais seriam as propostas filosóficas e pedagógicas que têm como escopo principal a transformação das mentalidades e das estruturas a partir da construção de consciência crítica, engajada e comprometida com a realidade? Nesse sentido, a proposta dessa comunicação é problematizar em que condições a Filosofia em sintonia com a Educação pode superar o projeto da educação neoliberal que está assentada numa dimensão de controle e ajustamento social, onde o foco é um ensino técnico e funcionalista, com vistas meramente ao mercado de trabalho, a passividade e a resignação. Nessa perspectiva, a filosofia

---

\*Graduando do curso de Filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do grupo de pesquisa em Memória: Subjetividade e Subjetivação no Pensamento Contemporâneo. Bolsista PIBID-Filosofia-UESB/FAPESB. E-mail: phabricio23@hotmail.com.

\*\*Graduando do curso de Filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do grupo de pesquisa em Memória: Subjetividade e Subjetivação no Pensamento Contemporâneo. Bolsista PIBID-Filosofia-UESB/FAPESB. E-mail: prylopez@hotmail.com.

\*\*\* Orientador. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Coordenador do grupo de pesquisa em Memória: Subjetividade e Subjetivação no Pensamento Contemporâneo. Prof. Titular DFCH-UESB. Coordenador PIBID Filosofia-FAPESB. Prof. Programa Permanente em Memória: Linguagem e Sociedade. E-mail: mirandajma@gmail.com.

+++++  
+++++



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

assume a dimensão de ser transgressora quando deixa de ser engessada em conceitos estanques e encarna-se na vida e nas contradições da própria existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Educação. Dialética. Crise. Crítica.

### INTRODUÇÃO

É mais do que evidente que vivemos em tempos de crise e de incertezas. Crise de valores, crise de sentidos, crise da própria condição humana. É necessário um esforço gigantesco para construir novas estratégias e perspectivas que permitam ao homem construir um lugar seguro. Em se tratando de educação e emancipação, o percurso e o processo não podem ser do geral para o particular, para não cairmos no irracionalismo ou em processos totalitários como os experienciados na Alemanha, na Itália e na América Latina com as ditaduras em vários países. Adorno na obra *Educação e Emancipação* (2003) afirma que, a democracia repousa na formação e na vontade de cada um em particular e nesse sentido, conforme esclarece Almeida (2013) a construção da emancipação depende fundamentalmente da adesão de cada subjetividade a partir da edificação e da maturidade que se constrói, senão a emancipação torna-se figura de retórica em palanques eleitoreiros ou em redes sociais ideológicas alienadas e alienantes.

No Brasil, a questão é mais complicada, porque ainda não nos tornamos nós mesmos, estamos como costuma afirmar Darci Ribeiro em processo de gestação. Por isso a imitação servil continua sendo tão *natural* no Brasil, especialmente no que diz respeito ao processo educativo. Ainda influenciados pelo diálogo entre Adorno e Becker, parece que no Brasil não somos educados para a emancipação. Esta tese é verdadeira? Educa-se para o ajustamento social. Educa-se para a reprodução dos valores e das hierarquias sociais, legitimando em nome da ordem e



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

do progresso, grandes latifúndios e grandes concentrações de rendas. A desigualdade social existente neste país é a prova mais veemente de que a educação e a filosofia não conseguiram concretizar a utopia do Estado sendo administrado pelo direito e pela justiça, capazes de efetivar a paz.

O Brasil é gigante pela própria natureza, dessa tese ninguém tem dúvidas. Mas, não se pode afirmar o mesmo em relação ao processo educativo. A educação brasileira foi ao longo da história do Brasil um instrumento a serviço da manutenção do poder. É por essa questão que se construiu historicamente um povo tão assujeitado e tão resignado diante de tantas injustiças e tantas violências estruturais. O compromisso e o comprometimento com as esferas do poder dominante faz com que a má formação docente no Brasil seja uma estratégia e não simplesmente um episódio desta ou daquela cidade como afirma Pimentel em *A epistemologia e a formação docente: reflexões preliminares* (2014).

Almeida (2013) é outro estudioso da relação entre ética e educação no Brasil e que enxerga que no Brasil a educação serve como ajustamento e controle social, demonstrando as dificuldades de se ter uma educação efetivamente pública, crítica, transformadora e emancipadora, pois ao diferenciar uma educação pública da educação estatal, afirma que a mesma está submetida aos interesses do neoliberalismo e da preparação apenas para o mercado de trabalho, isto é, a serviço dos meios de produção, sendo ela completamente descomprometida com a ética, o decoro, a decência e a dignidade humana, fato que comprova, com o fato de o Brasil ser um dos campeões em concentração de rendas e em desigualdade social. Por isso a tese de Paulo Freire é cada vez mais contundente, educar é responsabilizar-se pelas condições que mata milhões de homens e mulheres que morrem de fome, como denuncia na obra *A sombra desta mangueira* (1995).

A Filosofia da educação tem uma responsabilidade enorme nesse processo e não pode continuar *dormindo em berços esplendidos* como muitos filósofos brasileiros que deslumbrados com a beleza dos conceitos e das teorias abstratas, acabam sendo coniventes com a crise da educação e a crise de valores que



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

atravessa a sociedade brasileira e que se constata na deterioração dos princípios elementares da ética e da promoção da justiça social. A educação e a filosofia tornam-se cúmplices da impunidade, da manipulação midiática que mantém a alta concentração de rendas e os enormes latifúndios e a pregação das políticas públicas assistencialistas como salvadoras e reparadoras das injustiças cometidas contra os nossos antepassados oprimidos e mortos para garantir a manutenção de uma pequena classe recheada de privilégios, graças ao que Adorno denomina de mecanismos de semiformação, “seja com conteúdos irracionais, seja com conteúdos conformistas” (ADORNO, 2003, p. 20) que provocam o enfraquecimento do indivíduo e canaliza o seu comportamento para a adaptação das massas e a perda das forças vitais que o elevaria a condição de existente singular, capaz de assumir e transgredir a mediocridade e edificar o novo, isto é, a emancipação das estruturas de opressão e de cegueira existenciais.

A educação pode ser emancipadora? Mas, o que significa emancipar num contexto neoliberal? De que maneira é possível construir a emancipação se as escolas, universidades, institutos educacionais não têm liberdade na prática de transgredir os cânones estabelecidos pelo Ministério da Educação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação que estabelecem como metas currículos, estatísticas e gráficos? Os docentes envolvidos passam mais tempo preparando e preenchendo gráficos estatísticos e muitas vezes camuflando a realidade do que efetivamente construindo estratégias que valorizasse a construção do caráter, da decência, da responsabilidade, do comprometimento e da construção da consciência crítica, condição fundamental para a própria emancipação do homem, dos grupos sociais e da própria sociedade.

Esta comunicação está dividida em duas partes. A primeira é intitulada *A educação “tradicional” e a tradição da educação como controle*; o segundo: *A educação como possibilidade para a singularização do educando em Paulo Freire*

### **A educação “tradicional” e a tradição da educação como controle**



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

É possível definir numa primeira abordagem a educação como sendo tradicionalista quando ela se resume em transmitir os padrões de normas e modelos dominantes através de conteúdos desconectados da realidade existencial, econômica, cultural, social, simbólica dos sujeitos envolvidos no processo, isto é, os discentes, os docentes e os demais profissionais da educação. O conteúdo normalmente é ministrado como um valor absoluto em que a repetição e a memorização fazem parte das estratégias que mantêm o discente domesticado e resignado diante das injustiças da realidade em que está inserido. Paulo Freire denuncia: “a própria posição da escola, de modo geral é acalentada pela sonoridade da palavra, memorização dos trechos [...] posição caracteristicamente ingênua” (FREIRE, 2000, p. 40) Em síntese tem-se uma metodologia fundamentalmente mecânica, passiva e repetitiva. A quem interessa esse tipo de educação? Por quê um País que investe tanto em educação não consegue superar os problemas básicos da educação? Ainda vivemos uma educação tradicional que segundo Adorno “revela-se em suas diversas áreas tão castrada e estéril, em decorrência desses mecanismos de controle, que até para continuar existindo acaba necessitando do que ela mesma despreza” (ADORNO, 2003, p. 171)

Paulo Freire em *A educação como prática da liberdade* coloca em pauta a postura do educador e do educando, convidando-os a um posicionamento diante da bifurcação que se encontra a educação. Segundo o pensador de *Medo e Ousadia*:

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. (FREIRE, 1967, p. 36)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A opção proposta por Freire propõe como condição da emancipação do homem concreto o engajamento político e a conquista mediante a práxis política. Não existe emancipação sem luta em favor da libertação das pessoas. Zitkoski no verbete emancipação para o *Dicionário Paulo Freire* afirma que “a educação, sozinha, não tem condições de construir uma sociedade emancipada. A exclusão social, a globalização econômica e as políticas neoliberais excludentes consolidam, em nível nacional e mundial [...] nesse sentido, o trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva. (2010, p. 146).

Nesse sentido e nesse contexto, Almeida (2013) estabelece que não é possível separar a subjetividade da coletividade, o singular e o universal, como pretendem certas correntes filosóficas que veem a subjetividade como sinônimo de individualismo e o coletivo como sinônimo de lutas de classes. Não se trata de conceitos, mas de vidas e de existências que se constroem na dialética do individual e do coletivo. Certamente, influenciado pelo filósofo dinamarquês, ele afirma que não existe um indivíduo separado do coletivo, como não existe o coletivo separado do individual e que a perfeição humana consiste fundamentalmente nessa relação.

A educação tradicional fundamenta-se em correntes filosóficas que estão pautadas no dever-ser do homem, isto é, num homem ideal, portanto, a *doutrina* pedagógica também deve ser ideal e isenta das contradições da realidade. As tendências que influenciaram o processo educativo brasileiro advindo da Europa foram diversas, desde o tradicionalismo dos antigos, Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, passando pelo cientificismo ao racionalista moderno a partir de René Descartes, empirismo de Francis Bacon, John Locke e, David Hume, etc. Essas correntes filosóficas dentre muitas outras, influenciaram educação não só no Brasil como também em muitos países do mundo.

Segundo Giles, o jeito de educar de forma tradicional apresenta seu arquétipo no processo educacional e imagético do homem, ou seja, esse processo



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

teve sua origem nos tempos mais remotos da civilização; os costumes, as expressões, as normas culturais, o cotidiano, etc. Essa imagem, do homem, tinha por característica a naturalidade de-ser ideal. Por conseguinte é compreensível que tal imagem-ideal fosse alvo do anseio de-ser de uma determinada comunidade, culminando dessa forma na transmissão para a perpetuação de seus valores. “Um dos elementos constitutivos do processo educativo é a tradição.[...] O processo educativo amolda-se à imagem-ideal do homem do passado, [...]” (GILES, 1983, p.60).

De época em época, de cultura em cultura, cada povo e comunidade buscava objetivar a imagem-ideal de homem na sua maneira de ensinar ou educar. Seu principal *transmissor* era na maioria das culturas a autoridade religiosa, e/ou Estado. Esse fenômeno educacional ocorre desde a antiguidade e vai até o séc. XIX, com o advento das tendências pedagógicas progressistas: liberais: tradicionalista, escola novista, tecnicista, etc. Também nesse contexto surgiram as tendências transformadoras: a tendência libertadora, a libertária de vertente anarquista, e a pedagogia histórico-crítica tendo esta última como principais representantes José Carlos Libâneo e Dermeval Saviani.

Dessa maneira a tendência tradicional de educação do homem a partir de uma imagem-ideal implicava diretamente na conservação das crenças religiosas, valores morais e culturais, ou seja, tudo que era aceito pela sociedade de cada época. Contudo, é na Grécia e em Roma, no período clássico, que se constata a primeira possibilidade de transgressão e/ou superação de um modelo estático e acrítico. “[...]Este visa o homem como ser *livre e responsável*, como aquele que constrói seu próprio presente sem negar o seu passado o homem que pode até desafiar o próprio destino.” (GILES, 1983, p. 63).

Colhendo os frutos da relação dialógica com Edna Pimentel parece que a crise epistemológica na formação do docente consiste na não-transgressão, na a-criticidade, e na alienação dos alienantes.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Para Becker(1994, p.36), a vinculação existente entre as práticas didático-pedagógicas, autoritárias a as concepções epistemológicas originárias do senso comum, herdadas e recicladas pela academia e mantidas pelo senso comum acadêmico, não passa de uma estratégia que torna possível a apresentação da teoria que por sua vez, não passa de um conteúdo conceitual, desvinculado de qualquer prática anterior e transmitido pelo ensino.(PIMENTEL, 2014, p. 17).

Leandro Konder estudioso do pensamento marxista no Brasil, contribui com o debate pois ele evidencia que a crescente dominação da realidade natural “não se fizesse acompanhar de uma crescente dominação de realidade social. Como é possível que coexistam no século XX o alto grau já alcançado pelo desenvolvimento da consciência racional humana e a irracionalidade de tantos e tão frequentes comportamentos políticos?” (KONDER, 2009, p. 24). A alienação estrutural é fruto de uma educação comprometida com a globalização e faz com que nossas escolas e nossas faculdades tenham muito mais a *cara* e os *sintomas* de uma prisão do que propriamente um espaço de construção e de vivências de liberdade, consciência, compromisso e transgressão.

A alienação é praticada a partir do que é estabelecido como metas educacionais e os instrumentos e as armadilhas dessa alienação encontra-se em ferramentas educacionais como currículos, conteúdos programáticos fechados, listas de frequências, livros didáticos distanciados da realidade, etc. O objetivo principal é manter uma visão mecanicista e positivista da educação que estabelece o individualismo irracionalista e alienado em si mesmo como sendo o representante do intelectual bem sucedido, porque prisioneiro do próprio complexo de inferioridade e a necessidade de auto-afirmação, vê a si mesmo como estando no topo da pirâmide e identifica-se como sendo também ele, parte dos donos dos meios de produção. Educador alienado com *pinta* de educador progressista é o que não falta nas academias brasileiras, inclusive em Cursos de Licenciatura em Filosofia e a experiência do PIBID em Filosofia contribuiu, infelizmente, para corroborar esta tese.





ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Almeida no capítulo II – intitulado *A crise atual na sociedade do espetáculo, a despolitização do indivíduo e a educação como pharmakondo* livro *A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial* (2013) estabelece um diagnóstico da nossa sociedade a partir das referências encontradas na sociedade dinamarquesa de Kierkegaard onde o mestre dinamarquês levanta os critérios fundamentais de uma sociedade decadente. Atualizando para nosso contexto, nossa sociedade é também e “em essência, fator de corrupção, de desregramento e que transforma os seres humanos em uma humana mediocridade e em uma humana velhacaria.” (ALMEIDA, 2013, p.104). É diante dessa crise humana e social brasileira que a educação é convidada a se posicionar para manter ou transgredir. A questão é: a educação brasileira e os educadores brasileiros têm condições de transgredir? Eles querem transgredir? São livres para transgredir?

Vimos até aqui, que a tendência tradicional de ensino não é um processo novo, e a sua principal deficiência consiste em manter o educador e o educando na *acriticidade* e na alienação participando do processo apenas como meros reprodutores de conteúdos. A perspectiva de uma *teoria tradicional*, se traduz numa concepção desencarnada da realidade e de certa forma determinista, posto que no mundo dos conceitos e das teorias tudo é definido antecipadamente, não há contradições e a hierarquia de valores, de castas sociais, de discrepâncias sociais, econômicas, culturais, são assumidas como naturais e aceitas sem nenhum problema de consciência ética ou moral. É coerente a crítica de Leandro Konder a essas perspectivas teóricas, pois

[...] a práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se transformar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento da teoria; é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática (KONDER. Apud PIMENTEL 2014, p. 7)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Em alguma medida estamos fruindo à tentativa de tentar responder à inquietação sobre a repercussão de tais influências na educação brasileira, seus docentes e discentes. É preciso *transgredir*, como diria Paulo Freire, é preciso *superar* os métodos de ensino alerta-nos Saviani, somente através de uma *desconstrução* do acrítico, da autoafirmação, se conseguirmos perpassar e trasladar-nos dessas realidades talvez tenhamos uma possibilidade concreta de emancipação. Segundo Carlos Eduardo Moreira, para o verbete emancipação do *Dicionário Paulo Freire* “O processo emancipatório freiriano decorre de uma *intencionalidade política* declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos, contrariamente ao pessimismo e fatalismo autoritário” (MOREIRA, apud STRECK, 2010, p.144).

Esse processo dialético e dialógico não pretende depositar conteúdos nos alunos, estes não são seres sem luz e sem capacidades, que precisam de uma luz oriunda da fonte cerebral do professor. O que se pretende com a educação problematizadora e capaz de ser uma ferramenta fundamental no processo de construção da emancipação é interpelar-se e interpelar a realidade e os sujeitos dessa mesma realidade, onde se elabora projetos em conjunto visando não apenas conteúdos curriculares, mas como a educação pode efetivamente contribuir decisivamente para transformar vidas e estruturas de mortes em estruturas de vida e de dignidade.

Nesta comunicação não pretendemos divinizar ou demonizar esta ou aquela teoria pedagógica ou filosófica, este ou aquele método de ensino, mas se trata de problematizar enquanto discentes e docentes de filosofia questões pedagógicas e filosóficas que não foram contempladas pela filosofia europeia que os cursos de Licenciatura em Filosofia teimam em reproduzir. Kant, Hegel, Descartes, Rousseau, seguramente não construíram uma filosofia que contemplassem os famintos, os sem-tetos, os discípulos dos bancos e das senhas do SUS (sistema único de saúde) no Brasil. Estavam demais compenetrados em pensar e teorizar sobre o ser, a



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

essência, o belo. Porém, fracassaram, o bem se materializou no mal do mal, no mal radical, que é a fome, que se materializa no sofrimento e na violência da fome que passa e que finaliza com milhares de vidas diariamente em cada canto do mundo.

É uma tentativa de colocar à disposição dos estudantes e de professores que ainda não se consideram formados e encorpados de uma arrogância do saber desencarnado e descomprometido que este texto se coloca como contribuição ao pensa numa perspectiva histórico-dialética.

### **A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE PARA A SINGULARIZAÇÃO DO EDUCANDO EM PAULO FREIRE**

Paulo Freire na perspectiva kierkegaardiana explica **em Pedagogia do Oprimido**:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1995, p. 79)

Ainda no sentido de estabelecer o diálogo, Kierkegaard pondera que:

Ser mestre não é cortar a direito a força de afirmações, nem dar lições para aprender, etc. ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quando tu, o mestre, aprendes como o teu discípulo, quanto te colocas naquilo que ele compreendeu, na maneira como o compreendeu, ou, se ignoravas tudo isso, quantos simula prestares-te a exame, deixando o teu interlocutor convencer-se de que sabes a lição: tal é a introdução, e pode então abordar-se um outro assunto. (KIERKEGAARD, 2005 p.42)

Vivemos em uma época onde a educação da informação assume um papel de destaque em meio ao nosso sistema escolar educacional, onde os alunos são



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

preparados para alcançarem uma vaga no mercado de trabalho, que torna-se cada dia mais exigente e cruel excluindo aqueles indivíduos que não se adéquam aos preceitos de eficiência e qualidade total. Para contrapor-se a este modelo educacional aqui apresentado buscamos referência no educador brasileiro Paulo Freire, que em sua vida lutou arduamente por uma concepção de educação que tivesse como objetivo a libertação das consciências dos educandos através de uma edificação existencial e política voltadas para a *práxis* da realidade das pessoas. A partir dessa necessidade de humanização, afirma Freire:

A “luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 2005, p. 32)

Paulo Freire em sua extensa obra sobre educação, insistiu veementemente em denunciar as estruturas desumanizantes existentes em nossa sociedade, por entender que os oprimidos ao despertarem de sua situação de opressão que lhes é apresentada não como condição dada e imóvel, mas como uma construção social perfeitamente superável, pois segundo Freire é necessário que o oprimido libertando-se de sua situação de opressão liberte também o opressor, que não se percebe cativo da exploração promovida por ele e não tem nenhum interesse em perceber. Assim, afirma Freire:

Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão. Por isto é que, somente os oprimidos libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. (FREIRE, 1979, p. 46).



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Ainda segundo Freire;

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é em forma criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 2005, p. 33)

O educador que tem como objetivo a libertação dos educandos, deve assumir a responsabilidade ético-política em sua práxis educativa, compreendendo a educação como possibilidade de transformação das pessoas bem como da própria sociedade, e como afirma Almeida em apontamentos de sala de aula “Não é possível transformar as estruturas sem primeiro transformar os existentes”.

O processo de humanização das pessoas através da estrutura educacional perpassa pela conquista da conscientização dos alunos, através do qual estes envolvidos em um processo de alfabetização política como possibilidade de leitura de sua realidade tomam como base a sua experiência para o entendimento da sociedade como um todo. Esta ideia desenvolvida pela concepção freiriana de alfabetização é apresentada de forma integral no livro *Pedagogia do Oprimido* que surge em contraposição ao método tradicional de ensino chamado por Freire de *Educação Bancária* que tem por finalidade o depósito de conhecimentos nos alunos, sendo esta baseada em uma estrutura hierárquica em que o professor ensina e os alunos devem aprender, uniformemente.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2005, p. 67)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Em resistência a este modelo de educação que tem o aluno como *tabula rasa*, onde o conhecimento deve ser entalhado, Paulo Freire propõe uma educação conscientizadora voltada para a ação, que possibilite aos educandos a descoberta de que a sua realidade é completamente modificável por ele, e que (FREIRE, 1979, p.40) “É preciso [...] fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação”. Por isso ele sugere que a educação deva

desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha. (Freire, 1979, p.39)

Assim a educação que entendemos ser capaz de concretizar a sua real tarefa que é a liberação dos homens das amarras que impedem a vida plena, está no engajamento da pessoa por adesão, o que implica um árduo processo de construção da própria personalidade, isto é, da passagem do *eu* que é uma construção social ao *si mesmo* que é uma escolha e uma decisão existencial. Por isso a libertação passa a ser compreendida em outra perspectiva que está diretamente relacionada com o assumir a responsabilidade pela liberdade do próximo que em situação de miséria é incapaz de libertar-se sozinho. Por isso a tarefa do educador/educando é práxis. A transgressão das estruturas e das mentalidades não está *dada* como uma receita de bolo ou uma teoria filosófica, mas consiste no risco, na escolha e na decisão de cada subjetividade em conseguir superar a cultura do egoísmo e do egocentrismo tão predominante na filosofia europeia para uma perspectiva capaz de acolher o estrangeiro como responsabilidade que está acima de qualquer liberdade como afirma Levinas e Kierkegaard.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### CONCLUSÕES

A crise da educação é uma crise da própria humanidade e no Brasil, como pretendemos ter demonstrado, a educação está inexoravelmente atrelada à globalização e vive uma dicotomia mortal entre os discursos midiáticos e as campanhas publicitárias dos Governos nas várias esferas de poder e a realidade fática onde ela encontra-se em estado terminal.

Tem-se um aumento crescente de educadores e educandos treinados e instrumentalizados para o mercado de trabalho. As universidades e as escolas públicas cada vez mais são sucateadas e negadas na prática o direito a autonomia e a construção de saber que efetive o caráter, o compromisso e o comprometimento social de cada um dos envolvidos no processo educativo.

A educação brasileira ajusta socialmente e cria indivíduos atomizados e verdadeiros imbecis, onde a passividade e a resignação perante as injustiças sociais demonstram o quanto esse modelo de educação é bem sucedida e atende aos interesses dos donos dos meios de produção. Uma educação que engessa pensamentos, que sufoca criatividade, que anestesia movimentos, que amputa a utopia naquilo que ela tem de mais extraordinária, isto é, a luta pelo novo, que deveria irromper e efetivar-se como verdadeira democracia. Não existe democracia de fato, se não houver uma educação que problematize a razão e a liberdade.

Hoje, isto efetivamente, não existe no Brasil. Somos órfãos de democracia, reféns de jogos ideológicos e midiáticos que estabelecem como democracia simplesmente o fato de votar obrigatoriamente, mas que democracia é essa onde os direitos básicos a saúde, a educação, ao saneamento básico, ao salário justo e digno, são negados em sua essência? A educação brasileira, com raríssimas



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

exceções, é uma educação para criar seres atomizados e alienados e efetivamente esta é a prova mais cabal da falência da educação e dos educadores.

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ALMEIDA, Jorge Miranda. **A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A Sombra dessa mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- GILES, T. R. **Filosofia da Educação**. São Paulo: EPU, 1983.
- KIERKEGAARD. **Migalhas filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação**. São Paulo: Expressão popular, 2009.
- PIMENTEL, E. F. **A epistemologia e a formação docente: reflexões preliminares**. In: RAMALHO, B. L. NUMES, C. P. CRUSOÉ, N. M. C. G. (Coord.). **Formação para a docência profissional: saberes e práticas pedagógicas**. Brasília: Liver Livro, 2014.
- STRECK Danilo, R.; ZITKOSKI Jaime José; REDIN Euclides. **Dicionário Paulo Freire**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.